



O ESQUECIMENTO POR CONVENIÊNCIA NA CAMAROTIZAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS: UMA ANÁLISE DA OBRA *O SOM AO REDOR*

Zaady Sanabria Garcia*¹

*Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

e-mail: zaadys@gmail.com

Resumo: Este artigo realiza uma análise do filme *O som ao redor*, dirigido por Kleber Mendonça Filho, como uma obra que transcende o entretenimento cinematográfico para se tornar um instrumento de reflexão social e crítica cultural. Explorando as nuances da formação da sociedade brasileira e suas consequências contemporâneas, o filme lança luz sobre a dinâmica complexa entre as classes sociais e os espaços urbanos. Nesta pesquisa o conceito de “camarotização dos espaços urbanos” é empregado para nomear a segregação social e a alienação da elite dominante. Esta elite, muitas vezes desconectada das realidades e dos conflitos das camadas mais marginalizadas da sociedade, é confrontada com seu próprio passado de exploração e opressão que é convenientemente ignorado. Por meio de uma narrativa intrincada e personagens ricamente desenvolvidos, o filme incita o espectador a mergulhar nas complexidades das relações sociais e econômicas no Brasil contemporâneo. Ao mesmo tempo, desafia o público a questionar suas próprias percepções e privilégios, incentivando uma reflexão profunda sobre questões de justiça social e inclusão. Além de sua relevância como uma obra de arte cinematográfica, *O som ao redor* emerge como uma poderosa ferramenta de denúncia social e conscientização. Utilizando o cinema como uma forma de amplificar vozes marginalizadas e estimular o diálogo sobre as desigualdades sociais, o filme desempenha um papel vital na busca por uma sociedade mais equitativa e compassiva.

Palavras-chave: O som ao redor. Camarotização. Desigualdades sociais. Esquecimento.

Forgetting by convenience in the skyboxification of urban spaces: an analysis of the film *Neighboring Sounds*

This article examines the film *Neighboring Sounds*, directed by Kleber Mendonça Filho, as a work that transcends cinematic entertainment to serve as a profound instrument of social reflection and cultural critique. By exploring the intricacies of Brazilian society's historical formation and its contemporary ramifications, the film highlights the complex dynamics between social classes, power structures, and urban spaces. This study employs the concept of “skyboxification of urban space” to

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada pela Universidade Federal Da Integração Latino-Americana. Graduada em Letras, Português e Espanhol (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6014408621965992>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-1569-1873>.



describe the social segregation and alienation perpetuated by the dominant elite. This elite, often disconnected from the struggles and conflicts experienced by society's most marginalized groups, is confronted with a conveniently ignored history of exploitation and oppression. Through a meticulously crafted narrative, deeply developed characters, and evocative cinematography, the film invites viewers to explore the intricate web of social and economic relations in contemporary Brazil. Simultaneously, it challenges audiences to reflect on their own perceptions, biases, and privileges, encouraging a deeper awareness of issues related to social justice, inequality, and inclusion. Beyond its value as a cinematic masterpiece, *Neighboring Sounds* emerges as a powerful medium for social critique, cultural dialogue, and consciousness-raising. By amplifying marginalized voices and fostering critical discussions about systemic inequities, the film assumes a pivotal role in advocating for a more equitable and compassionate society, inspiring both introspection and action.

Keywords: Neighboring Sounds. Skyboxification. Social inequalities. Forgetting.

Introdução

Este artigo propõe uma análise do filme *O som ao redor* dirigido por Kleber Mendonça Filho, com o intuito de promover reflexões sobre o convenientemente esquecido rastro deixado desde o período colonial até os dias contemporâneos. Além disso, busca-se abordar o fenômeno da “camarotização” nos espaços urbanos de grandes centros no Brasil. O filme, uma obra cinematográfica de ficção bem-sucedida, destaca-se por explorar as preocupações da classe média brasileira em relação à segurança e à privacidade, o que resulta na crescente tendência de reclusão dos espaços públicos.

Sandel (2016, p. 14-15) argumenta que a desigualdade se intensifica em uma sociedade onde tudo está à venda, tornando a vida mais difícil para os indivíduos com recursos limitados. Ele observa que, quanto mais o dinheiro pode comprar, mais significativa se torna a afluência, ou a falta dela, aumentando as disparidades sociais e econômicas. Essa perspectiva ajuda a entender a crescente reclusão da classe média e sua tendência de se afastar das questões sociais mais amplas, tema central do filme.

Apresentado a partir de algumas ruas de classe média em Recife, o filme narra a história de um grupo de vigilantes liderados por Clodoaldo, que passam a fornecer serviços de proteção patrimonial após o arrombamento de um carro. A trama revela uma vizinhança controlada por Francisco, conhecido como o líder local, com destaque para os personagens João e Bia, que representam a inquietação social e os dramas familiares enfrentados. O filme retrata a classe média como enclausurada e ensimesmada, explorando questões socioeconômicas, trabalhistas, raciais, de gênero e de consumo.



Considerando as inúmeras discussões que podem ser promovidas pela obra, elegeu-se, neste artigo, observar os comportamentos e omissões da classe dominante retratada no filme, particularmente em cenas envolvendo os personagens João, corretor de imóveis que faz negócios com casas e apartamentos, e seu avô Francisco, proprietário de todos esses imóveis.

Por meio das cenas a serem discutidas, justifica-se que a relevância das questões abordadas abrange um passado-presente ainda obscuro da história do país, um contínuo colonial-capitalista por meio do qual personagens como Francisco e seu neto João enriqueceram às custas da exploração e expropriação de classe, uma realidade inconveniente que eles preferem não enxergar. Por esse motivo, se enclausuram em suas “casas grandes” fortificadas, ficando junto de seus semelhantes e mantendo as desigualdades sociais em benefício da manutenção de seus próprios privilégios. Para a análise do filme, foi utilizado o método de pesquisa tipológico, já que a obra apresenta aspectos essenciais dos fenômenos sociais que dizem respeito ao esquecimento e à camarotização. *O som ao redor*, em sua convenção estético-ficcional, oferece uma visão particular de uma realidade concreta.

Inicialmente, o debate abordará a conceituação do termo camarotização, com base nas reflexões de Michael Sandel (2016). Em seguida, será explorado o período colonial no Brasil, apoiado nas obras de Gilberto Freyre (2003) e Sérgio Buarque de Holanda (1995). O estudo também analisará os conceitos de alienação e esquecimento por conveniência, fundamentando-se nos pensamentos de Wanderley Codo (1985), Paul Ricoeur (2007), Joel Candau (2016) e Giorgio Agamben (2009). Por fim, a discussão se expandirá para as ideias sobre o ressurgimento dos espectros, ancoradas nas teorias de Georges Didi-Huberman (2017), Walter Benjamin (1987) e outros autores.

A camarotização dos espaços urbanos apresentada na obra *O som ao redor*

O neologismo camarotização data de 2012 e deriva do termo inglês *skyboxification*, cunhado pelo filósofo e ensaísta Michael Joseph Sandel, professor de Justiça e Governança em Harvard. Este conceito foi introduzido pela primeira vez em seu livro *O que o dinheiro não compra?*, no qual Sandel examina as implicações sociais e morais da mercantilização de diversos aspectos da vida cotidiana.



Na referida obra, Sandel (2012) ilustra o fenômeno da camarotização ao analisar o crescente comercialismo e marketing nos estádios de beisebol nos Estados Unidos. Ele observa que, à medida que os estádios se tornam cada vez mais orientados para maximizar lucro e benefícios por meio da oferta de camarotes “skybox” de luxo, banheiros e lanchonetes exclusivas para os mais abastados, o “caráter público vai encolhendo” na celebração esportiva, fato que “corrói o comunitarismo”. Em outras palavras, quanto maior o número de bens e experiências ofertados apenas àqueles que podem pagar, menores são as oportunidades para que indivíduos de diferentes estratos sociais se encontrem e interajam. Sandel argumenta que tais condições resultam em uma sociedade mais segregada e fragmentada, menos consistente e coesa, nos seguintes termos:

É o que podemos ver quando vamos a um jogo de beisebol e contemplamos os camarotes especiais ou, em situação inversa, observamos o resto do estádio a partir deles. O desaparecimento do convívio entre classes outrora vivenciado nos estádios representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo (Sandel, 2016, p. 223).

Um dos exemplos mais emblemáticos quando se trata de camarotização é, nessa perspectiva, o dos estádios esportivos, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, mas também em outros países. Esses espaços vêm sofrendo as consequências da globalização, sendo “modernizados” e “informatizados”, o que encarece os ingressos dos jogos e impede o acesso de milhares de torcedores. Atualmente, existem áreas especiais nos estádios, reservadas para aqueles que podem pagar por um espaço mais exclusivo. Esses setores oferecem atendimento privado com garçons, alimentação diferenciada e vistas privilegiadas sobre o campo. Sandel argumenta que antigamente não distinguiam as classes sociais, pois todos pagavam o mesmo valor pelo ingresso e entravam pelo mesmo portão, ricos e pobres dividindo as mesmas arquibancadas, banheiros e lanchonetes, hoje se transformou em mais uma oportunidade de demonstrar poder através do dinheiro e segregar-se daqueles que não pertencem à mesma classe social. Essa transformação dos estádios é apenas um reflexo de um fenômeno mais amplo.

A camarotização também pode ser observada em diversas outras esferas da vida social, como em shows, festivais de música, cinemas, teatros e espaços urbanos em geral. Em todos esses contextos, espaços que deveriam ser de livre acesso para todos acabam



sendo segregados, com áreas VIPs e serviços exclusivos para quem pode pagar, enquanto a maioria da população fica restrita a áreas menos privilegiadas.

Sob essa perspectiva, Sandel (2016) oferece uma crítica incisiva ao estilo de vida norte-americano contemporâneo. Ele defende a ideia de que, devido à comercialização exacerbada, as pessoas estão levando vidas cada vez mais separadas e segregadas. As implicações dessa separação são profundas e multifacetadas. Indivíduos de classes sociais mais altas e aqueles de classes sociais mais baixas vivem, moram, estudam, compram e se divertem em lugares distintos, praticamente sem pontos de interseção em suas rotinas diárias. Esse fenômeno não é apenas um reflexo da desigualdade econômica, mas também uma causa de seu agravamento.

A segregação das experiências diárias enfraquece a tessitura social que sustenta a democracia. Em uma sociedade em que diferentes grupos não compartilham espaços comuns, torna-se cada vez mais difícil cultivar a empatia, o respeito mútuo e a compreensão das diferentes perspectivas. A democracia, enquanto sistema político e social, depende da interação e do convívio entre seus cidadãos. É na convivência diária, nas interações casuais, que as pessoas aprendem a negociar, a comprometer-se e a respeitar as diferenças. Quando a vida cotidiana é fragmentada e compartimentada de acordo com a capacidade financeira, perde-se a oportunidade de construir um senso de comunidade.

Sandel (2016) também destaca que a “camarotização” não afeta apenas os menos privilegiados, mas também aqueles que se encontram nas posições mais altas da estrutura social. A falta de convivência com pessoas de diferentes origens e condições de vida pode levar à insensibilidade e ao desconhecimento das realidades e dificuldades enfrentadas por outros grupos sociais.

Embora o uso do termo “camarotização” seja recente, o fenômeno que ele descreve é de longa data. A falta de uma denominação adequada para as situações que refletem essa segregação social e econômica apenas contribuiu para a invisibilidade do problema até que Michael Sandel trouxe o tema à tona em sua obra *O que o dinheiro não compra?*. Nas suas observações sobre os estádios de beisebol nos Estados Unidos, Sandel demonstra como a mercantilização de espaços públicos leva à erosão do comunitarismo e ao encolhimento do caráter público desses ambientes.

No Brasil, o fenômeno da camarotização pode ser interpretado como uma prática enraizada desde o período colonial, manifestando-se em diferentes contextos ao longo da



história. Sérgio Buarque de Holanda (1995), em sua obra *Raízes do Brasil*, descreve a sociedade patriarcal colonial como estruturada de acordo com os princípios do antigo direito romano-canônico, no qual a família extensa, incluindo escravos e agregados, era subordinada à figura do patriarca, o *pater-famílias*. Segundo o autor, “os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias” (Holanda, 1995, p. 81). Esse sistema hierárquico reflete uma forma inicial de camarotização, na qual a segregação era institucionalizada e naturalizada.

Freyre (2003) corrobora para essa discussão quando descreve sobre os tapetes luxuosos utilizados pelas mulheres coloniais e as restrições de participação das famílias nobres em celebrações no Pará, no século XVII, devido à falta de trajes adequados para as filhas donzelas (Freyre, 2003, p. 50), agregando mais um fato histórico dessa lógica de distinção social, reforçando como a segregação era uma característica marcante da organização social colonial, em que os privilégios materiais e simbólicos eram destinados a poucos.

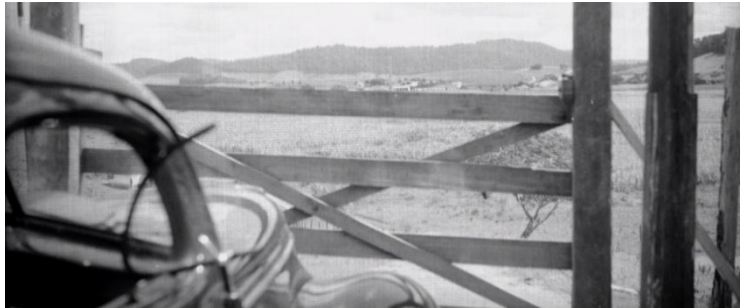
Mesmo sendo um fenômeno antigo, no Brasil, as discussões sobre a camarotização dos espaços urbanos ganharam maior notoriedade a partir de 2015, quando o tema foi abordado na redação do vestibular da Fuvest, em que a coletânea de textos trouxe trechos do livro *O que o dinheiro não compra?* (1ª ed. publicada em 2012) que abordavam sobre a crescente privatização em eventos públicos, servindo como exemplos da segregação social por meio do controle de acesso a determinados espaços.

De maneira introdutória, essa reflexão sobre a camarotização dos espaços urbanos é ilustrada de forma contundente no filme *O som ao redor*, lançado em 2012, dirigido pelo cineasta Kleber Mendonça Filho. A obra retrata imgeticamente a formação da sociedade brasileira, desde as “casas grandes”, com suas cercas delimitando os territórios dos grandes coronéis, até a contemporaneidade, em que o cidadão “de bem”, com seus recursos e privilégios, vive seu pseudoconforto cercado por muros, grades e cercas elétricas.

O filme inicia com uma sequência de fotografias que remontam ao Brasil colonial, aludindo à região da Zona da Mata pernambucana, historicamente conhecida por seus engenhos de cana-de-açúcar. Essa sequência perpassa por uma porteira fechada e um veículo a espera, imagens de trabalhadores rurais, as casas grandes e as suas pomposidades, homens e mulheres trabalhando a terra para o plantio.



Figura 1 - Fotografia de uma porteira



Fonte: *O som ao redor* (2012).

Assim, já no início da obra temos a representação imagética de como aconteceu a formação da sociedade pautada na exploração do trabalho e manutenção dos privilégios.

Após a sequência de imagens, a cena passa para duas crianças brincando em meio a garagem de um condomínio. A câmera segue os dois até uma quadra onde se encontram outras crianças, também moradoras do local. Enquanto as crianças brincam, a câmera dá um *close-up* mostrando as babás uniformizadas, cuidando/monitorando filhos alheios.

Figura 2 - Crianças brincando na quadra de um condomínio



Fonte: *O som ao redor* (2012).

Assim, passa-se o foco para um grupo de crianças que observam um trabalhador recuperando as grades de uma janela, produzindo no plano da subjetividade as minudências das relações assimétricas entre patrões e empregados nesse mundo particular.

Figura 3 - Crianças moradoras de condomínio observando um trabalhador



Fonte: *O som ao redor* (2012).

O condomínio em questão situa-se em Boa Viagem, região nobre da cidade de Recife em Pernambuco. Esse é o local elegido pelo cineasta Kleber Mendonça Filho para ser cenário das tramas que envolvem o enredo de *O som ao redor*, uma vez que as ruas em que se passam os acontecimentos do filme, estão conectadas com as sequências fotográficas passadas inicialmente. Isso porque o “dono” delas, ou melhor, da maioria dos imóveis que estão nelas é o Sr. Franscisco, homem que ao decorrer da narrativa se revelará um coronel senhor de engenho.

Esses elos, apresentados pelo filme, que conectam a zona rural com a urbanização das grandes cidades na contemporaneidade demonstram que os latifúndios nunca estiveram fora de moda no Brasil. Mudaram-se as localizações, no entanto, as obsessões por posses, a desigualdade social e a exploração do trabalho ainda continuam as mesmas. Nessa infeliz continuidade, parte-se do princípio de que toda sociedade é explicada pela sua história. O filme projeta um olhar sobre a realidade em diferentes regiões do país, pois, como bem afirma Marco Antonio Gonçalves (2020), nesse cenário urbano, movimentam-se os personagens da casa-grande e da senzala, como o “sinhozinho”, o “coronel”, os “escravos”, dando a ver suas contradições, suas ênfases, seus silêncios, suas ambiguidades.

Essas dicotomias, essas posições de diferenciação de classes são apresentadas em *O som ao redor* dentro dos muros dos condomínios, que podem ser considerados hoje um “camarote urbano”. Observando toda essa estrutura arquitetônica, à primeira vista, nota-se a beleza e a modernidade. Ao olhar com mais profundidade, porém, vê-se que essas construções têm o mesmo objetivo da casa grande: segregar e manter a ordem social favorável a quem já vem sendo privilegiado há muito tempo.

A vida privilegiada em meio às casas de alto padrão e aos apartamentos de luxo no bairro de Boa Viagem exemplifica o fenômeno da camarotização. Os condomínios de alto

padrão, situados em áreas nobres de diversas cidades brasileiras, podem ser vistos como verdadeiros camarotes urbanos. A entrada nesses espaços exclusivos não se limita à posse de recursos financeiros; ela também está intrinsecamente ligada ao que se pode chamar de “berço” – raízes familiares que perpetuam privilégios desde o período colonial, no século XVI, até a contemporaneidade.

O camarote que garante a entrada de poucos, e inibe o direito de ir e vir de muitos. É o que vemos em cenas como a de um negro que carrega um galão de água pela porta dos fundos do apartamento de João (um dos personagens principais do filme) e o coloca na área de serviço, ou quando o segurança Clodoaldo vai até a casa do coronel Francisco, junto com os seus colegas, entrando pelos fundos e não passando da cozinha. Esses pequenos detalhes, analisados mais profundamente, mostram que Kleber Mendonça Filho retratou muito bem o papel social de cada um e onde cada indivíduo pode circular dependendo da sua posição.

Nesse sentido, a transformação de espaços em camarotes transcende o contexto de festas e grandes eventos. Essa prática se desenrola diariamente, visível a todos, configurando-se como uma ação segregadora que preserva os privilégios das classes dominantes. Estas, por sua vez, mostram resistência até mesmo em recordar o passado histórico que as conduziu ao poder, recusando-se a sentir culpa ou desenvolver qualquer consciência de classe. Esse posicionamento foi (mal)dito por uma certa liderança política que recentemente ocupou o cargo, ao proclamar: “eu não escravizei ninguém!”.

O esquecimento por conveniência: as pedras nos sapatos das classes privilegiadas brasileiras

Conforme Codo (1985) argumenta, o homem alienado é alguém destituído de sua própria essência. Se ao longo da trajetória histórica a humanidade progride e se distancia do reino animal irracional, a alienação, por sua vez, reintroduz elementos animais na natureza humana. Nesse sentido, quando um indivíduo se destaca de seus pares valendo-se de seus bens, ele falha em compreender os fatores sociais e políticos que contribuíram para seus privilégios, alheios ao próximo.

Contudo, persistir na alienação em uma sociedade moderna, repleta de dispositivos tecnológicos e informações instantâneas ao alcance das mãos, revela uma certa hipocrisia



por parte daqueles que têm condições e acesso facilitado ao que há de melhor e mais avançado no universo das notícias, dos conteúdos e dos meios nos quais essas informações circulam. Tais indivíduos possuem recursos para desfrutar dessas exclusividades, evidenciando uma desconexão entre sua posição social e a consciência crítica necessária para compreenderem a complexidade dos privilégios que desfrutam.

Dado o exposto, considera-se então que esta suposta alienação não é por falta de informação, mas sim por conveniência, ou seja, é conveniente para a classe dominante esquecer todo o passado histórico da formação da sociedade brasileira e assim manter todos os privilégios que possuem desde 1500. Os prédios altos, os muros, as residências fortificadas apresentadas em *O som ao redor* reforçam o fato de não querer lembrar do passado, esquecer por conveniência, uma vez que “entre os muros” os que dominam estão junto dos seus, e unidos manterão a ordem das coisas como são e como sempre foram.

Essa ordem está imagetivamente representada na cena em que João e Sofia retornam da fazenda do coronel Francisco, dormem juntos e, no outro dia, no desjejum, a cena mostra a filha da Maria, empregada de 60 anos do neto de Francisco, passando roupas descalça, substituindo sua mãe que naquele dia, por motivos não explicados, não pôde comparecer ao trabalho.

Os silêncios reforçam a indiferença de João em relação aos seus subalternos, ao elogiar o café feito pela mulher, o compara com o da sua mãe, como quem diz: É tão boa subalterna quanto sua mãe, a mulher continua passando roupas, João solicita que ela vista uma sandália, com a desculpa que ela pode tomar um choque, mas, de verdade, de alguma forma, o fato de ela estar descalça lhe incomoda. Ela tira as sandálias de sua filha, que toma café da manhã junto com o casal, João nesse momento se sente aliviado, mesmo a menina de 10 anos ficando descalça, também correndo risco de tomar um choque, mas para João a criança não tem o valor que a Mãe tem, vê-se então que está é preocupado com a empregada que possa vir a faltar caso sofra algum acidente.

Figura 4 - Filha da empregada substituindo a mãe





Fonte: *O som ao redor* (2012).

Neste curto trecho, tem-se camadas variadas de interpretações nas quais os silêncios e os sons levam o espectador a refletir sobre as manutenções do *status quo*, para João, Maria que foi subalterna de seu pai e continuou sendo sua empregada, já está perto de se “aposentar”, ou melhor dizendo, a sua idade a compromete na qualidade dos seus serviços prestados, serviços esses que foram herdados por sua filha, que tragicamente perpetuará a subserviência de seus antepassados.

Refletindo a respeito das cenas acima citadas, vale ressaltar que esse esquecimento por conveniência evita que as classes dominantes se lembrem das pedras em seus sapatos, que aludem aos incômodos de ter que pensar sobre os porquês de seus privilégios, forçando-os assim a selecionar as suas memórias, conforme ressalta Ricoeur:

[...] tudo o que constitui a fragilidade da identidade se revela assim oportunidade de manipulação da memória, principalmente por via ideológica. [...] por causa da função mediadora da narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa (Ricoeur, 2007, p. 455).

Conforme aduzido, a elite dominante sabe e seleciona as memórias que a narrativa considerará importante ou não, a preferência é dada a aquelas que trazem menos desconforto e muitas das vezes desqualifica os subalternos como se nota nos dizeres de Candau [AIJ](2016) “no Brasil, a manipulação da memória pelos brancos consiste em manter a memória da escravidão, pois esta é concebida como um meio de inferiorizar o negro” (Candau, 2016, p. 167).

Diante deste quadro, Kleber Mendonça Filho escracha a elite brasileira que lembra do que lhe convém, levando o espectador a adentrar nas entranhas da formação histórica desigual da nossa sociedade, convidando-o a ser contemporâneo. Conforme as assertivas de Agamben (2009), o contemporâneo se revela como aquele que dirige sua atenção de

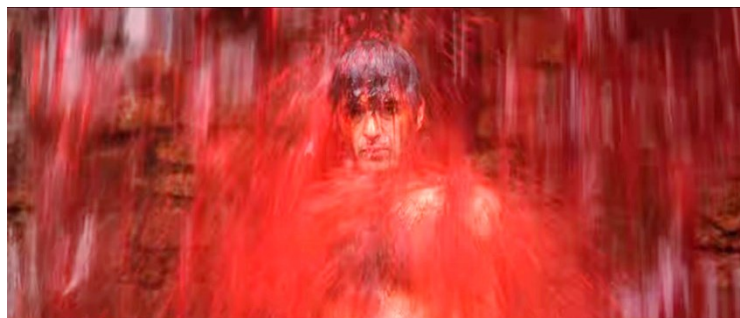


forma inabalável ao seu tempo, buscando nele não apenas as luzes, mas, de maneira mais profunda, as sombras que o permeiam. Perceber o escuro, para o contemporâneo, é dar voz aos espectros que volta e meia ressurgem, pois tiveram suas vozes caladas, não tiveram a oportunidade de contar a história a partir da sua versão, porque infelizmente ela continua sendo contada por aqueles que venceram.

Cachoeira de sangue: os espectros das memórias caladas

Os vencedores são os que continuam detentores do capital, são eles que contam e recriam o passado de acordo com seus interesses. No entanto, as vozes que foram caladas ressurgem, reaparecem como fantasmas que assombram os que ao longo da história manipularam tudo a seus próprios interesses. Uma cena emblemática de *O som ao redor* que exemplifica isso é a que João, Sofia e Francisco, na fazenda de engenho localizada na região da Zona da mata pernambucana, toma banho em uma cachoeira, se divertem e gritam, a câmera foca nas expressões de cada personagem, a Sofia, o Francisco e por fim o João, quando de repente as águas que João se banha viram sangue.

Figura 5 - Cachoeira de sangue



Fonte: *O som ao redor* (2012).

Tem-se, nesta cena, camadas de interpretação que aludem ao período em que o engenho funcionava a todo vapor, utilizando-se de mão de obra escrava. Esse sangue jorrado pertence à antiga opulência escravocrata, acentuando a violência gerada durante séculos pela instituição de engenho ali presente (Gonçalves, 2020). Dessa situação baseada nas imagéticas do filme, vale trazer para discussão os dizeres de Ricoeur (2007) o qual

argumenta que “o passado recalcado explode na tela, clamando seu lembra-te pela boca de testemunhas postas em cena através de seus não-ditos e lapsus” (Ricoeur, 2007, p. 458).

Diante dessas ideias, pode-se deduzir por hipótese que a intenção do cineasta especificadamente nesta cena da cachoeira, é que João, mesmo não tendo escravizado ninguém, é herdeiro desta infeliz parte da história do Brasil. Melhor dizendo, ele desfruta dos privilégios herdados de seus antepassados conquistados às custas do sangue dos escravos. Nesse passar de bastão, vale lembrar que o personagem Francisco também, assim como seu neto, provavelmente herdou privilégios de seus antepassados.

Considerando a formação da sociedade brasileira, Freyre (2003) explica que no período colonial do Brasil, especialmente em Pernambuco e no Recôncavo da Bahia, a sociedade se desenvolveu sob um sistema patriarcal e aristocrático, concentrado em torno das extensas plantações de açúcar, as pessoas residiam em sólidas casas-grandes e a população colonial brasileira, especialmente na região norte, assumiu uma característica aristocrática, visto que famílias portuguesas enviavam membros para estabelecerem-se no ultramar.

Nesse fio condutor que liga o passado com o contemporâneo, Kleber Mendonça Filho leva o espectador mais atento a pensar sobre o que não foi contado, sobre as vértebras quebradas que necessitam ser recuperadas, assim como afirma Agamben no excerto:

Por isso o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura (Agamben, 2009, p. 65).

Esse ponto da fratura é o que a cachoeira de sangue traz à tona, pois a ferida está aberta e os espectros estão saindo através dela, aterrorizando quem não quer lembrar destas “pedras nos sapatos”, pois ela incomoda. A imagem do sangue caindo sob a cabeça de João, assemelha-se ao que foi relatado na visita de Didi-Huberman (2017) ao museu do holocausto, especificadamente no bosque das bétulas Didi-Huberman mencionou que a terra continua incessantemente a expor evidências das carnificinas que ocorreram naquele local. Em particular, as chuvas provocam inundações que trazem inúmeras lascas e fragmentos de ossos à superfície, o que obriga os encarregados do local a cobrirem-no com terra para esconder essa superfície que ainda é afetada pelas camadas mais profundas, carregando o peso sombrio de um passado lastimável.



Entende-se, portanto, que, embora tentem encobrir superficialmente com terra essas vértebras quebradas, as vozes silenciadas regurgitam os direitos que lhes foram negados. Esses espectros ganham presença no filme *O som ao redor*, em que Kleber Mendonça Filho provoca o espectador de maneira semelhante à figura do historiador proposta por Benjamin (1987). Para Benjamin, o olhar atento ao passado é uma forma de despertar centelhas de esperança. Ele argumenta que a verdade jamais escapa àqueles que conseguem enxergar as narrativas em todas as suas facetas, sejam elas claras ou obscurecidas. Esse poder de resgatar o passado pertence àqueles que reconhecem que os mortos nunca estarão em segurança enquanto o inimigo continuar a vencer, pois, como ele afirma, “esse inimigo não tem cessado de vencer” (Benjamin, 1987, p. 225).

Nesse contexto, a cena final de som ao redor emerge como uma peça-chave na contemplação das ramificações advindas do retorno do recalcado, revelando uma intrincada tapeçaria de incertezas acerca do destino tanto do patriarca quanto dos irmãos. A ressonância incessante de tiros e bombas, longe de ser mero ruído, transcende para uma narrativa simbólica que nivela a luta, sublinhando a duradoura persistência dos conflitos e a incapacidade intrínseca de uma resolução estrutural. A não solução dos dilemas fundamentais da sociedade, personificada pelo incessante tumulto sonoro da cidade, evidencia a contínua existência de injustiças não resolvidas. O retorno do recalcado, permeado por essa cacofonia de violência e inquietação, torna-se uma expressão poética da busca por justiça diante das injunções passadas, denotando a necessidade premente de abordagens mais abrangentes para confrontar e superar as profundas cicatrizes sociais.

Considerações finais

O filme *O som ao redor* foi analisado como um objeto de análise e reflexão sobre a formação histórica da sociedade brasileira e suas repercussões na contemporaneidade. Por meio de uma análise visual, o estudo examinou como a “camarotização dos espaços urbanos” se configurou como uma expressão persistente das desigualdades sociais, revelando dinâmicas de segregação e o distanciamento das classes privilegiadas em relação aos problemas enfrentados pela maioria da população.

O “camarote urbano” encontra sua representação nos condomínios de alto padrão em áreas nobres das cidades brasileiras, evidenciando a conveniente alienação da elite



dominante, que opta por negligenciar episódios históricos de exploração e opressão que a levaram ao poder. Essa seleção de memórias, que privilegia apenas aspectos favoráveis de sua história, perpetua a manutenção do *status quo*, silencia vozes e ignora os espectros das memórias relegadas ao esquecimento.

Nesse contexto, o filme se apresenta como um veículo essencial para expor as feridas abertas do passado, provocando uma análise crítica da sociedade diante das desigualdades persistentes e da necessidade de buscar justiça e equidade social. Ao despertar a atenção do espectador para os desconfortos e sombras das narrativas históricas, Kleber Mendonça Filho convida ao questionamento e à busca por mudanças.

Conforme Didi-Huberman (2017) explica, o passado não é algo que pode ser simplesmente descartado ou esquecido, mas que ressurge como fragmentos necessários à compreensão de nossa identidade coletiva. Assim como as cascas de uma árvore preservam as marcas do tempo e servem de suporte para a escrita, os “livros” – ou, no caso, os filmes como *O som ao redor* – também carregam em suas camadas as histórias de nossa memória coletiva, transformando imagens e narrativas em superfícies de reflexão crítica. Essas “cascas”, fragmentos das memórias históricas, denunciam os dilaceramentos e os privilégios construídos às custas de exclusões e opressões.

O filme lembra que a verdadeira contemporaneidade requer a capacidade de autoexame sem ignorar as memórias do passado, concedendo voz aos subalternos e questionando as estruturas de poder estabelecidas. Ao reconhecer que a sociedade é moldada por sua história, torna-se imperativo confrontar as lacunas e injustiças que persistem para construir um futuro mais inclusivo e igualitário.

Em suma, a obra cinematográfica *O som ao redor* não apenas evidencia os problemas e contradições da sociedade brasileira, mas também incentiva a ação e a transformação dessa realidade. Através da arte cinematográfica, torna-se possível desvendar as camadas mais profundas de nossa história e questionar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e privilégios. Desta forma, o filme se afirma como um estímulo à reflexão crítica e ao engajamento em busca de uma sociedade mais justa, onde as vozes silenciadas sejam ouvidas e os espectros das memórias esquecidas sejam reconhecidos e respeitados.

Referências



AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CODO, Wanderley. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Trad. André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 481 ed. São Paulo: Global, 2003.

FUVEST FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR. **Fuvest**. 4 jan. 2015. Disponível em: https://acervo.fuvest.br/fuvest/2015/fuv2015_2fase_dia1.pdf. Acesso em: 8 jun. 2024.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Assombrações de Apipucos**: “O som ao redor” e os antagonismos em perpétuo desequilíbrio. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/KcQ6sHTW86nxNYMmhdmjHtR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GONÇALVES, Marcelo Freire; CAMPOS, Claudinei da Silva. A camarotização como fenômeno social no Brasil. **Anais do IX Congresso Nacional da FEPODI**. São Paulo, 2021. Disponível em: <http://site.conpedi.org.br/publicacoes/z9k8tfqj/djrp8780/4asmOJoTTV5m3480.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 226 p.

O SOM ao redor. Direção de Kleber Mendonça Filho. Produção de Emilie Lesclaux. Brasil: CinemaScópio, 2012. 1 DVD (131 min).

RIBEIRO, Carlos Eduardo. **A representação das classes sociais em O Som ao Redor**. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Cinema e Animação. Universidade Federal de Pelotas, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad: Alain François *et al.* Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007.

SANDEL. Michael J. **O que o dinheiro não compra**: os limites do mercado. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

SANTOS, Otávio Augusto dos. **O recife e sua “insularidade social”**: medo, fragmentação, espaço público e a ordem urbana pós política. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2018.241069>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

